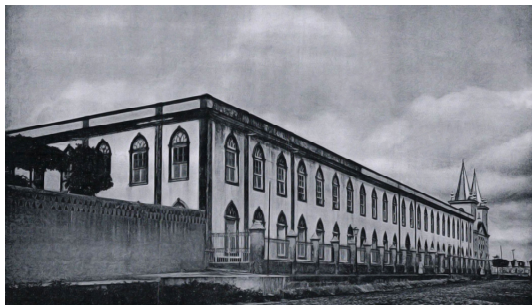


CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

Francisco Lima^{1}*



Construção majestosa aquela do velho Seminário da Prainha, de onde saíram os expoentes da cultura cearense, alguns, envergando a sotaina, outros, refeitos em trajes civis, exercendo atividades de diferentes matizes.

É um conjunto arquitetônico que inspira meditação e conduz às profundezas da História.

Não será exagero dizer-se que o Ceará teve no Seminário um embrião cultural decisivo. Foi ali, entre paredes volumosas que se educaram os padres que foram aos sertões. A alma do povo ouvia o clamor do missionário e ele vinha fortalecido do Outeiro da Prainha, onde se armara de fé para resistir aos abrolhos de um Ceará empobrecido. De norte a sul e de leste a oeste do Estado, a voz do padre ecoava e a sua mensagem impunha nas lonjuras da terra uma atitude e uma aspiração novas diante da vida.

Era natural que assim fosse.

Compreende-se melhor este fato, rebuscando no tempo a Fé de que as populações se animavam. Fica, assim, bem de propósito a observação de Rui Facó em seu “Cangaceiros e Fanáticos”:

“A situação dos pobres no campo no fim do século e mesmo em pleno século XX não se diferenciava daquela de 1856. Era mais do que natural, era legítimo, que esses homens sem terra, sem bens, sem direitos, sem garantias, buscassem uma ‘saída’ nos grupos de cangaceiros, nas seitas dos fanáticos,

¹ Do livro “O Seminário da Prainha”, BNB, 1982, pg. 15-18.

em torno dos beatos e conselheiros, sonhando a conquista de uma vida melhor”.

Certamente que, por isso e por mais, a presença do padre gerava confiança no povo. Muitos padres foram encarados como mitos, alvos de fanatismo por força das necessidades de um povo sedento de milagres... de alguma coisa capaz de mudar os rumos do seu destino indefinido. Surgiu um Cícero fazendo do Cariri o quartel contra a opressão dos poderosos, tal como antes havia surgido o padre Ibiapina, fazendo do seu verbo a força que depunha as armas dos valentões na fogueira da reconciliação. Este povo que queria milagres e queria uma “saída”, passou depois a querer a superação da sua pobreza, exigindo dos Vigários mais do que a evangelização. Pedia também a construção de obras que criassem a riqueza coletiva.

Era uma humanidade oprimida, querendo se descobrir na sua dignidade de gente.

O Seminário da Prainha foi, nesta hora da História, o ponto de irradiação da “arrancada” do Ceará. Vemo-lo distante, no tempo; no passado foi distante também, no espaço, porque Fortaleza pequena fechava seus horizontes nos contornos do Forte de Nossa Senhora da Assunção.

Não vai muito longe – só para um exemplo - a reação do povo porque se pretendiam reparos na Igreja de Nossa Senhora do Carmo, inaugurada em 1906. “Por que gastar numa igreja do sertão?”, comentavam os críticos mais exigentes. Mozart Soriano Aderaldo assinala em sua “História Abreviada de Fortaleza” o seguinte:

“Para que tenhamos uma ideia de distância entre a futura Praça do Ferreira e o centro da acanhada Capital do meado do século XIX lembremos que, no local onde hoje se instala a Caixa Econômica Federal (esquina sudeste das ruas Floriano Peixoto e Coronel Guilherme Rocha) fez-se funcionar em modesto prédio então ali existente, uma sala de aula, mas os habitantes da cidade protestaram junto às autoridades pela escolha do lugar tão ermo para o ensino das crianças”.

João Brígido em seu livro “A Fortaleza de 1810”:

“Na enseada em que se acha atualmente a povoação chamada de Mucuripe, encontra-se uma única habitação com a porta no oitão e duas pequenas janelas na frente.

A praia era despovoada daí por diante na direção da Vila, apenas se encontrando, na barranca ao norte, antes de confrontar com o arrecife, seis casas de palha em alinhamento e três outras dispersas na baixa.

Dava-se a esta região o nome de Prainha.

Formavam, à vista do mar, desde a ponta do Mucuripe, casas pequenas e choupanas na praia e sobre as dunas, em numero total de 37, sendo a última o pequeno paiol de pólvora, na extremidade norte do local hoje ocupado por um ângulo do Passeio Público.

O ribeiro do Pajeú dividia em duas zonas distintas as terras imediatas à Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção; na margem direita, o planalto conhecido por Oiteiro da Prainha, ao lado oposto, terrenos ligeiramente acidentados, onde se acha agora a máxima parte da cidade.

Houve um tempo em que se supôs que a cidade tendia a dilatar-se no planalto do Oiteiro, sítio aprazível, com uma vista esplêndida sobre o oceano, bafejado de uma brisa constante”.

Era assim Fortaleza na primeira década do século passado. Esta retrospectiva da Prainha afigura-se necessária para se ter um ideia melhor do que representou a iniciativa de ali se instalar o Seminário Diocesano.

Antes, porém, não era esse o lugar preferido.

Em seu livro “História Eclesiástica do Ceará” (Imprensa Oficial, 1980) o historiador Geraldo Nobre afirma que se cogitara de lugar mais distante:

“Foi em 1724, por conseguinte, que os jesuítas abriram o colégio, não na povoação do Forte, onde haviam estado algum tempo, mas a certa distância, talvez nas proximidades da aldeia Paupina, depois Vila Mecejana, pois é certo que nesse local a Companhia de Jesus possuiu um Seminário, em 1830” (Página 213).

Edgard de Alencar, por seu turno, querendo deixar subsídios para a História, escreveu no **O Povo**, edição de 3 de abril de 1929 o relatório da Comissão Especial que tratou do assunto e levado ao Conselho Geral da Província a 25 de janeiro de 1830:

“A Comissão Especial encarregada de redigir as propostas contidas na fala do Exmo. Sr. Presidente da Província, em que lembra a criação de um Seminário à imitação do de Olinda, de Pernambuco, para que hajam ao menos as cadeiras de Gramática Latina, Francês, Retórica, Filosofia e Geometria, a fim de que a mocidade da Província possa sair do estado de ignorância em que se acha, é a Comissão de Parecer que se leve à Assembléia uma representação com os fundamentos exarados nos artigos seguintes:

Art. 1º - Criar-se-á um Seminário na Vila de Aquiraz, distante desta cidade seis léguas, com as cadeiras acima mencionadas, havendo para isso quatro mestres pagos pela Fazenda Pública com os ordenados que forem compatíveis aos seus trabalhos, anexando-se a um dos mestres o ensino de Francês.

Art. 2º - A criação do Seminário deverá ser à custa das rendas públicas da Província e que seja construído junto á Igreja chamada – Colégio dos Extintos Jesuítas – erecta na mesma Vila que deverá ser reparada pelas mesmas rendas públicas, servindo o sítio anexo ao mencionado Colégio para recreio dos mestres e estudantes, visto pertencer à Nação, pedindo-se igualmente as alfaias de prata que se acham recolhidas no Tesouro desta Província, as quais foram levadas do mesmo Colégio.

Art. 3º - Devendo de necessidade serem suprimidas as Vilas Índios Mecejana, Arronche e Soure não só pela falta de população e de pessoas que ocupem os cargos de Governança, como para livrar aos índios da opressão que sofrem dos diretores que abusivamente são os que mais se utilizam dos seus braços para aumento de suas lavouras, vivendo pelo Diretório sujeitos ao capricho dos ditos Diretores, quando aliás devem ser considerados como qualquer outro cidadão, é pois a Comissão de Parecer que suprimidas ditas Vilas fiquem os patrimônios destas Câmaras, e mesmo as datas das terras aos índios mencionadas Vilas, inclusive as de Maranguape para o patrimônio do novo Seminário a fim de que com esses rendimentos se possa para o futuro construir edifícios necessários. Casa do Conselho Geral da Província, 25 de janeiro de 1830. João Facundo de Castro Menezes, Relator. Miguel Antonio da Rocha Lima e padre Antonio de Castro e Silva”.

Não se consumou, porém, este intento.

A Prainha, mais tarde denominada “Bairro Santos Dumont” (O Povo, 2 de janeiro de 1929), haveria de sediar, 30 anos depois, o Seminário de que tanto o Ceará carecia.

**Francisco Lima*
Ex-aluno do Seminário da Prainha